

ORIGENS DOS MERGULHADORES DE COMBATE DA MARINHA DO BRASIL*

RODNEY ALFREDO PINTO LISBOA**
Professor

SUMÁRIO

A busca pela *expertise* estrangeira
Os precursores do MEC no Brasil
O desafio de difundir e viabilizar a filosofia do MEC junto à MB
Estabelecendo as bases formadoras de uma identidade compatível com a realidade nacional
A conquista gradativa de espaço e reconhecimento
Considerações finais

A BUSCA PELA *EXPERTISE* ESTRANGEIRA

Após a conclusão da Segunda Guerra Mundial¹ (1939-1945), definida por ocasião do lançamento das bombas atômicas sobre as cidades japonesas de

Hiroshima e Nagasaki por bombardeiros norte-americanos em agosto de 1945, o mundo, recém-introduzido à era nuclear, mergulhou em um período de tensão que opunha o capitalismo e o comunismo como dois modelos político-ideológicos antagônicos.

* Título apresentado pelo autor: Arautos de Poseidon: Antologia das origens dos mergulhadores de combate da Marinha do Brasil.

** Mergulhador de combate honorário, docente da Fundação de Ensino e Pesquisa de Itajubá (Fepi), discente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos (PPGEM) da Escola de Guerra Naval (EGN) e sócio correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB). Colaborador costumeiro da *RMB*.

¹ Guerra global envolvendo duas alianças militares opostas. As principais potências do Eixo eram a Alemanha nazista, a Itália e o Japão. Por sua vez, os Aliados eram formados, basicamente, pelo Reino Unido, pelos Estados Unidos da América (EUA) e pela então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A guerra terminou com a vitória dos Aliados em 1945, alterando significativamente o alinhamento político e a estrutura social mundial. Enquanto a ONU era estabelecida para estimular a cooperação global e evitar futuros conflitos, a URSS e os EUA emergiam como superpotências rivais, preparando o terreno para a Guerra Fria.

Os fatos relacionados à Guerra Fria² (1945-1991) registram que, cada um por sua vertente, tanto os EUA (capitalista) quanto a URSS (socialista) saíram do conflito mundial como duas superpotências que rivalizavam e intimidavam o adversário em virtude de seu armamento nuclear. O confronto entre estadunidenses e soviéticos levou à composição de alianças político-militares diametralmente opostas – Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)³ e Pacto de Varsóvia⁴ – que reuniam em torno das duas superpotências as nações sob seu círculo de influência.⁵

Por ocasião da Segunda Guerra Mundial, Brasil e EUA estreitaram relações assinando um tratado de cooperação político-militar permitindo, entre outros fatores, que os norte-americanos utilizassem bases navais no litoral brasileiro – Natal, Recife e Salvador – com o objetivo de prover a defesa do Atlântico Sul e oferecer auxílio

aéreo para as tropas aliadas que combatiam no Norte da África, na Europa e no Extremo Oriente⁶. O alinhamento entre as duas nações projetou o Brasil como o mais importante aliado ibero-americano dos EUA, rendendo ao País a concessão de um fundo financeiro (*Lend-Lease*) para que as Forças Armadas brasileiras adquirissem armas e equipamentos de origem norte-americana.⁷

A aliança entre Brasil e EUA sujeitou o Poder Naval brasileiro à influência tática e doutrinária da estratégia marítima norte-americana, criando um vínculo que se estendeu ao longo da Guerra Fria.⁸ O Mergulho de Combate (MEC) foi introduzido na Marinha do Brasil (MB) a partir desse vínculo, quando, em 1964, quatro marinheiros brasileiros (Antonio Eduardo Souza Trindade, Carlos Eduardo do Amaral Serra, José Cavalcante Braga da Silva e Alberi Lazzari Sobrinho) graduaram-se na Classe-31 do curso básico de formação das recém-criadas equipes Seal.⁹

2 Período histórico de disputas políticas, econômicas e estratégicas entre os EUA e a URSS, marcado por uma série de conflitos indiretos travados por nações que se defrontaram influenciadas pelos interesses que opunham as duas superpotências.

3 Acrônimo utilizado em referência à aliança militar intergovernamental assinada em 4 de abril de 1949 que constitui um sistema de defesa coletiva no qual os seus Estados membros concordam com a defesa mútua em resposta a um ataque por qualquer entidade externa. Os países membros da Otan são: Bélgica, Canadá, Dinamarca, EUA, França, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Holanda, Portugal e Reino Unido (países fundadores). Alemanha Ocidental, Espanha, Grécia e Turquia aliam-se posteriormente.

4 Aliança militar formada em 14 de maio de 1955 pelos países socialistas do Leste Europeu e pela URSS. O tratado correspondente foi firmado na capital da Polônia (Varsóvia) e estabeleceu o alinhamento dos países-membros com Moscou, estabelecendo um compromisso de ajuda mútua em caso de agressões militares. Os países que fizeram parte desse pacto foram: Albânia, Alemanha Oriental, Bulgária, Tchecoslováquia, Hungria, Polônia, Romênia e URSS. As mudanças no cenário geopolítico da Europa Oriental no final da década de 1980, com a queda dos governos socialistas, o fim do Muro de Berlim, o fim da Guerra Fria e a crise na URSS, levaram à extinção do Pacto em 31 de março de 1991, o que representou também o fim da Guerra Fria.

5 TAVARES, Heloísa Feres de Faria (Ed.) “Um Panorama da Guerra desde 1945”. *Guerra na Paz*. v. 1. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1984, pp. 6-7.

6 Constitui uma das regiões da Ásia, também conhecida como Ásia Oriental, composta por China, Taiwan, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Japão, extremo leste da Rússia e países do sudeste asiático (Brunei, Camboja, Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia, Myanmar, Singapura, Tailândia, Timor-Leste e Vietnã).

7 ALVES, Vagner Camilo. “Ilusão Desfeita: a ‘aliança especial’ Brasil-Estados Unidos e o poder naval brasileiro durante e após a Segunda Guerra Mundial”. *Revista Brasileira de Política Internacional*. Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IBRI), Brasília, v. 48, n. 1, Jan/Jun, 2005, p. 159.

8 *Idem*, p. 172.

9 SERRA, Carlos Eduardo do Amaral. “E assim tudo começou...” *Grumec: Mergulhadores de Combate*. Nova Friburgo, Revista comemorativa dos 40 anos, MP Projetos Gráficos, 2011, p. 16. Acrônimo da língua inglesa empregado para designar a unidade de elite da Marinha norte-americana. A sigla também é empregada em referência à natureza universal das vias de operações da unidade a partir do mar, do ar e da terra. Ver nota 38.

Neste ponto, abrimos um parêntese para explicar sobre o conhecimento acumulado pelas equipes Seal em anos de vivência empírica. Embora tais unidades tivessem apenas dois anos de existência em 1964, sendo instituídas em 1962, elas contavam com a experiência de marinheiros recrutados das Equipes de Demolição Submarina (*Underwater Demolition Teams* [UDTs]) que somaram participações em duas guerras de grande vulto (Segunda Guerra Mundial e Guerra da Coreia¹⁰ [1950-1953]), realizando operações de desobstrução de praia e sabotagem contra alvos inimigos em regiões próximas da costa.¹¹

Quando ponderamos sobre a formação dos primeiros Mergulhadores de Combate (MECs) brasileiros, é importante fazer uma digressão para esclarecer alguns aspectos relacionados ao Curso de Reposição da Equipe de Demolição Submarina (*Underwater Demolition Team/Replacement* [UDT/R]) ministrado pela Marinha dos EUA durante a década de 1960. Em meados do século XX, o curso apresentava-se estruturado em três fases distintas (Condicionamento Básico [*Basic Conditioning*], Mergulho [*Diving*] e Guerra Terrestre [*Land Warfare*]) e buscava qualificar os marinheiros voluntários (oficiais e praças) na condução de operações de natureza singular características da modalidade denominada, conforme terminologia norte-americana, de Guerra Especial Naval (*Naval Special Warfare* [NAVSPECWAR]).¹²

OS PRECURSORES DO MEC NO BRASIL

No final de 1963, um grupo composto por 12 marinheiros brasileiros foi conduzido à cidade de Norfolk (estado norte-americano da Virgínia) com o objetivo de iniciar o UDT/R ministrado pela Escola Naval Anfíbia (U.S. Naval Amphibious School), localizada na Base Naval Anfíbia de Little Creek (U.S. Naval Amphibious Base). O referido curso, iniciado em janeiro de 1964 e desenvolvido com o objetivo de testar os limites das capacidades físicas e psicológicas dos alunos, era tão exigente que ao final da quinta semana da fase de Condicionamento Básico (conhecida como Semana do Inferno [*Hell Week*], em virtude da extrema provação a que os candidatos eram submetidos) apenas quatro dos 12 brasileiros ingressantes não foram levados a desistir, permanecendo engajados para submeterem-se às próximas semanas do curso.¹³ Devido ao excelente desempenho demonstrado ao longo do curso, os brasileiros, até então tratados de forma pejorativa, passaram a ser tratados como “*the brazilian four*” (os quatro brasileiros).¹⁴

Iniciada em abril, a segunda fase do programa de formação foi dedicada às instruções das técnicas de mergulho. Nessa etapa do UDT/R, os requisitos quanto ao aprimoramento das capacidades biopsicológicas eram ainda mais

10 Conflito que opôs a Coreia do Sul e seus aliados (EUA e Reino Unido) à Coreia do Norte (apoiada pela China e pela URSS). O resultado inconclusivo da guerra contribuiu para que o território permanecesse dividido entre a República da Coreia (Coreia do Sul) e a República Popular Democrática da Coreia (Coreia do Norte).

11 Este curso de formação de MECs é o antecessor do atual Curso Básico de Demolição Submarina (*Basic Underwater Demolition/Seal* [BUD/S]), que encontra-se estruturado em três fases singulares (Condicionamento Básico [*Basic Conditioning*], Mergulho [*Diving*] e Guerra Terrestre [*Land Warfare*]) e é destinado a formar novas gerações de MECs da Marinha norte-americana.

12 ROAT, John Carl. *Class-29: the making of U.S. Navy Seals*. New York: Ballantine Books, 2000, pp. 207-208.

13 SERRA, *op. cit.*, pp. 15-16.

14 MACHADO, Carlos Alberto Leite. *et al.* “Escola de Operações Especiais”. *Ciama – 50 Anos*. Niterói, Revista comemorativa dos 50 anos, 2013, p. 77.



Fotografia 1 – O Capitão-Tenente Trindade, o Primeiro-Tenente Serra e os Terceiro-Sargentos Alberi e Braga foram os únicos remanescentes do grupo de marinheiros brasileiros a se formar no UDT/R Class-31 de 1964. (Fonte: Acervo do GRUMEC.)

exigentes, enfatizando a metodologia de ensino para o emprego dos dispositivos de respiração (Scuba) de circuito aberto (ar comprimido) e fechado (*Rebreather* [100% de oxigênio]). Outras habilidades relacionadas à atividade MEC também eram contempladas, como a identificação de correntes marítimas, navegação oceânica, variações fisiológicas sofridas pelo corpo humano quando submerso, procedimentos de infiltração/exfiltração submarina e métodos de sabotagem.¹⁵

A terceira e última fase da formação básica considerava os procedimentos de combate em terra. As exigências inerentes à preparação física e ao equilíbrio emocional eram ainda mais intensas, sendo enfatizadas as capacidades relacionadas à navegação terrestre, táticas de pequenas unidades, técnicas de rapel, manuseio de armas de fogo e explosivos.¹⁶ Nas quatro semanas finais da terceira fase, os alunos remanescentes participaram de atividades nas montanhas

próximas de Fort Pickett (Virgínia) e, posteriormente, na Base Naval de Roosevelt Roads (ilha caribenha de Porto Rico), onde empregavam os conhecimentos adquiridos realizando o reconhecimento de praias e a demolição de obstáculos terrestres e submarinos.¹⁷

Concluídas as três fases do UDT/R, os quatro brasileiros remanescentes, assim como todos os seus colegas de turma, somente obtiveram o certificado de Mergulho e Demolição Submarina Classe 31 (*Underwater Demolition Diver Class-31*) mediante aprovação nas avaliações teóricas exigidas como requisito final para a qualificação no referido programa. Para ter a exata noção do feito realizado pelo Capitão-Tenente Trindade, pelo Primeiro-Tenente Serra e pelos Terceiros-Sargentos Braga e Alberi, é pertinente destacar que, dos 66 marinheiros estadunidenses que iniciaram o curso ministrado em 1964, apenas 20 conseguiram concluí-lo.¹⁸

15 ROAT, *op. cit.*, pp. 207-208.

16 *Idem*, p. 208.

17 SERRA, *op. cit.*, p.16.

18 *Idem*, p.16.

O DESAFIO DE DIFUNDIR E VIABILIZAR A FILOSOFIA DO MEC JUNTO À MB

Retornando ao Brasil em julho de 1964, os quatro egressos da Classe-31 do UDT/R começaram a trabalhar no intuito de disseminar os conhecimentos adquiridos no exterior na tentativa de promover e introduzir o MEC como uma alternativa viável para a MB.¹⁹

Sobre os percalços enfrentados quanto à difusão do MEC no Brasil, também é digno de nota o fato de que a sociedade brasileira como um todo, tradicionalmente, não se mostra sensível à necessidade premente de investimentos nesse setor. Particularmente no caso da Marinha, essa situação se agrava devido à falta de consciência da opinião pública sobre a relevância dos assuntos relacionados ao mar, e consequentemente, à defesa marítima das Águas Jurisdicionais Brasileiras (AJB).²⁰

Na tentativa de tentar compreender os obstáculos enfrentados para promover o MEC no Brasil durante a década de 1960, destacamos um cenário de grandes dificuldades por ocasião do alto investimento requerido, uma vez que o país enfrentava um período de grave crise político-econômica, que, entre outros agravantes, comprometia o orçamento anual da MB.²¹

Durante este período conturbado da história brasileira, os MECs formados nos EUA passaram a atuar internamente em operações de apoio aos exercícios de desembarque de tropas em suporte às Embarcações de Desembarque de Veículos e Pessoal (EDVP)

e Embarcações de Desembarque de Viatura e Material (EDVM). Sobre essa particularidade, é essencial destacar que, no final dos anos 1960, as tarefas de reconhecimento hidrográfico de praia eram procedimentos que caracterizavam a atividade MEC. Assim, seguindo uma tendência mundial implementada pela Marinha norte-americana durante a Segunda Guerra Mundial, a MB passou a empregar seus MECs em manobras militares de desembarque anfíbio. Nos exercícios dessa natureza promovidos em território nacional, destaca-se a constituição da denominada Unidade de Demolição Tática (UDT), organismo ativado ocasionalmente em situações que requeriam operações de reconhecimento hidrográfico e demolição de obstáculos. Para desempenhar as tarefas em questão, a UDT era composta por mergulhadores e escafandristas operando sob o comando (Serra ou Trindade) e a supervisão (Braga ou Alberi) dos MECs precursores da atividade no País. Nesse período, é digna de destaque a sequência de manobras dessa ordem conduzida internamente nas sucessivas Operações Dragão²², enquanto no exterior a UDT brasileira atuou nas Operações Unidas,²³ reunindo diferentes Marinhas nacionais em simulações visando ao adestramento das Forças Anfíbias (FAnf).²⁴

Paralelamente à tarefa de auxiliar em operações de desembarque promovidas pela Esquadra, os quatro MECs brasileiros passaram a atuar como instrutores da Escola de Submersíveis (EscS), antecessora do Centro de Instrução e Adestramento de Submarinos e Mergulho (Ciasm) e do Centro de

19 *Idem*, p.16.

20 CAMINHA, João Carlos. *História Marítima*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980, p. 297.

21 CYSNE, Rubens Penha. "A economia brasileira no Período Militar". *Revista de Estudos Econômicos*. IPE/USP, São Paulo, v. 23, n. 2, Mai/Ago 1993, pp. 185-226.

22 Adestramento realizado com o propósito de elevar o grau de prontidão em Operações Anfíbias das unidades da Esquadra e do Corpo de Fuzileiros Navais.

23 Treinamento conjunto realizado desde 1959 entre as Marinhas amigas da América (Força Naval Multinacional) a fim de aprimorar a capacidade de resposta coletiva diante das ameaças à segurança regional.

24 SERRA, *op. cit.*, p.16.

Instrução e Adestramento Almirante Átilla Monteiro Aché (Ciama), treinando mergulhadores convencionais a executar métodos de reconhecimento hidrográfico de praia.

No início da década de 1970, diante das novas conjunturas impostas pela guerra irregular, manifestadas gradativa e esporadicamente em vários conflitos assimétricos travados nas primeiras duas décadas da Guerra Fria, a MB, por intermédio da Ordem do Dia nº 0012/1970, emitida em 3 de abril de 1970 pelo então comandante da Força de Submarinos (ForS²⁵), Capitão de Mar e Guerra Fernando Carvalho Chagas, tomou a iniciativa de criar a Divisão de Mergulhadores de Combate de modo a adequar-se às variantes da guerra não convencional.²⁶

Subordinada à ForS e localizada nas dependências da Base Almirante Castro e Silva (BACS), a Divisão de Mergulhadores de Combate iniciou suas atividades em uma época na qual o Brasil gozava de relativa estabilidade econômica (Milagre Econômico Brasileiro²⁷), enquanto enfrentava o período mais rígido do regime militar. Neste

ponto, é conveniente ponderar a respeito do papel desempenhado pela ForS junto à MB.

ESTABELECENDO AS BASES FORMADORAS DE UMA IDENTIDADE COMPATÍVEL COM A REALIDADE NACIONAL

Ainda nos primeiros anos da década de 1970, enquanto se deparavam com a difícil tarefa de elaborar uma doutrina operacional focada na atuação dos MECs em Operações Anfíbias (OpAnf) e no ataque submerso a embarcações, a recém-criada Divisão de Mergulhadores de Combate foi encarregada de realizar o levantamento hidrográfico expedito da costa brasileira, a fim de identificar possíveis áreas aptas a comportar um eventual desembarque anfíbio.²⁸

Com o intuito de diversificar a atividade MEC no País, a MB decidiu enviar um grupo de marinheiros à Europa. Apesar da possibilidade de encaminhar o grupo para programas de adestramento ministrados na Itália e no Reino Unido, a Administração Naval optou pelo Curso de Nadadores de Combate (*Cours*

25 Conforme estrutura organizacional da Armada, historicamente a ForS é a organização militar subordinada diretamente ao Comando em Chefe da Esquadra (Comemch), que tem a responsabilidade de administrar os assuntos relacionados às ações envolvendo submarinos e mergulho, onde no passado estavam incluídas as Operações Especiais conduzidas pela Divisão de Mergulhadores de Combate, mesma condição em que se encontra o Grumec atualmente. Nos dias de hoje, a ForS é constituída por um Comando (ComForS), pela Base Almirante Castro e Silva (BACS), pelo Ciama, pelo Centro Hiperbárico, pelo Grumec, por quatro submarinos classe *Tupi* (*Tupi*, *Tamoio*, *Timbira* e *Tapajó*), por um submarino classe *Tikuna* (*Tikuna*), pelo Navio de Socorro Submarino *Felinto Perry*, além do Navio de Apoio Costeiro *Almirante Hess*.

26 BRASIL. Ministério da Marinha. Ordem do Dia do Comando da Força de Submarinos nº 0012/1970, de 3 de abril de 1970. Criação da Divisão de Mergulhadores de Combate. Rio de Janeiro, 1970.

27 Período de expansão econômica nacional ocorrido entre 1969 e 1973 durante os governos dos Presidentes Artur da Costa e Silva (1967-1969) e Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). Conhecido como “Milagre Econômico Brasileiro”, esse período caracteriza-se pelos empréstimos feitos pelo País junto à comunidade internacional, que à época possuía abundância de recursos financeiros disponíveis. A exportação de produtos brasileiros também ajudou a trazer divisas para o País, em função da competitividade provocada pelo baixo valor da moeda brasileira vigente (cruzeiro). Sob o pretexto de transformar o Brasil em uma grande potência, o montante angariado pelo governo era investido principalmente nos setores de indústria e infraestrutura. Entretanto, com o passar do tempo e o desaquecimento da economia mundial, o crescimento acelerado e dependente do capital estrangeiro fez a dívida externa brasileira aumentar consideravelmente na segunda metade da década de 1970, a ponto de se tornar o maior problema econômico do País durante a década seguinte.

28 BRITTO, Theotônio Chagas Toscano de. “As dificuldades iniciais e primeiros caminhos percorridos”. *Grumec: Mergulhadores de Combate*. Nova Friburgo, Revista comemorativa dos 40 anos, 2011, p. 18.

de Nageur de Combat [CNC]) promovido pela Marinha da França (*Marine Nationale*). Dessa forma, em dezembro de 1972, o Capitão-Tenente Theotônio Chagas Toscano de Britto, o Primeiro-Tenente Carlos Eduardo do Amaral Serra, o Primeiro-Sargento José Cavalcante Braga da Silva, o Segundo-Sargento Ozino Brasilino da Silva e o Terceiro-Sargento Severino Fernandes Filho desembarcaram na cidade francesa de Saint-Mandrier (região de Toulon) com o objetivo de participar do CNC no início do ano seguinte.

Iniciado o curso, ainda durante a Escola de Mergulho Autônomo (École de Plongeur de Bord [EPB]), estágio que antecede o CNC, os marinheiros brasileiros, atendendo à solicitação do comandante do curso, se deslocaram para o município de Pau (região sudoeste da França), onde passaram a integrar a Classe 69 da Escola de Paraquedismo das Tropas Aerotransportadas (École des Troupes Aeroportées [Etap]) do Armée de Terre (Exército francês), uma vez que a qualificação como paraquedista era requisito obrigatório para a realização de saltos no mar a serem realizados na etapa final do CNC. Convém esclarecer aqui que nenhum dos marinheiros brasileiros que se candidataram ao CNC era qualificado como paraquedista na ocasião do curso, fato que justifica a sujeição ao Etap precedendo ao CNC.²⁹ No decorrer do curso, os brasileiros executaram um total de dez saltos, sendo seis (saltos diurnos e noturnos) na cidade de Pau e outros quatro (saltos na água) na Córsega, ilha do Mar Mediterrâneo administrada pela França.³⁰

Retornando a Saint-Mandrier, os marinheiros brasileiros foram reincorporados ao CNC a fim de iniciar a primeira das três fases (Aprendizagem das Técnicas Específicas de

Mergulho [*Apprentissage de Techniques de Plongée Spécifique*], que, com a Introdução às Técnicas de Assalto [*Acquisition des Techniques d'Ataque*] e o Treinamento de Demolição [*Formation a La Démolition*]), compunham o processo de formação de MECs franceses. Após 27 semanas de treinamentos e avaliações que colocaram os conhecimentos adquiridos à prova, os candidatos remanescentes (incluindo os cinco brasileiros) foram devidamente agraciados com seus respectivos brevês.³¹ É oportuno acrescentar que, historicamente, a submissão ao CNC constitui pré-requisito indispensável para aqueles que pleiteiam um lugar junto ao Commando d'Action Sous-Marine Hubert, um dos Comandos Navais (*Commandos Marine*) que atuam como Forças de Operações Especiais (FOPEsp) da Marine Nationale.³¹



Fotografia 2 – Imagem icônica da atividade MEC. Dupla mergulhada transportando minas magnéticas de casco (dispostas às costas) em posição de ataque a navio levado a cabo em 1973 como parte do CNC. Atividades dessa natureza eram realizadas utilizando o dispositivo de circuito fechado Oxygers e plataforma de navegação submarina. (Fonte: Acervo pessoal do Capitão de Fragata [Ref^B] Theotônio Chagas Toscano de Britto)

29 SERRA, *op. cit.*, pp.16-17.

30 BRITTO, Theotônio Chagas Toscano de. “O paraquedismo e a Força de Submarinos”. *O Periscópio*. Niterói, ano XL III, n. 59, 2005 p. 36.

31 KIEL, David. “Grumec: guardians of the blue Amazon”. *Special Operations Report*. Congers, New York, v. 10, 2007, p. 32.

Num.	Patente	Nome	Ano – Curso
MEC 01	Capitão-Tenente	Antônio Eduardo Souza Trindade	1964 – UDT
MEC 02	Primeiro-Tenente	Carlos Eduardo do Amaral Serra	1964 – UDT 1973 – CNC
MEC 03	Primeiro-Sargento	José Cavalcante Braga da Silva	1964 – UDT 1973 – CNC
MEC 04	Terceiro-Sargento	Alberi Lazzari Sobrinho	1964 – UDT 1973 – EOD
MEC 05	Capitão-Tenente	Theotônio Chagas Toscano de Britto	1973 – CNC
MEC 06	Segundo-Sargento	Ozino Brasilino da Silva	1973 – CNC
MEC 07	Terceiro-Sargento	Severino Fernandes Filho	1973 – CNC
MEC 08	Capitão-Tenente	Oswaldo Ferreira do Prado Franco	1974 – UDT

Relação de oficiais e praças destacados como precursores do Mergulho de Combate no Brasil.

(Fonte: Adaptado de ARENTZ, 2011a, p. 13)

Aproveitando sua estada no continente europeu após concluírem o CNC, os MECs brasileiros auxiliaram a Comissão Naval Brasileira na Europa³² (CNBE) provendo suporte técnico necessário para o processo de aquisição de equipamentos utilizados nas atividades de mergulho. Esses equipamentos, imprescindíveis para a implementação do MEC no País, seriam disponibilizados para o Ciasm, estabelecimento de ensino da MB renomeado em 22 de maio de 1978 como Ciama.³³

Após retornarem ao Brasil, os MECs que haviam se qualificado na França juntaram-se a outros dois companheiros que regressavam dos EUA, Capitão-Tenente Oswaldo Ferreira do Prado Franco (que frequentara o curso de formação de MECs [UDT/BUD/S]) e Terceiro-Sargento Alberi Lazzari Sobrinho, que havia participado do curso de Desativação de Material Bélico Explosivo (*Explosive Ordinance Disposal* [EOD]),

colocando as habilidades recém-adquiridas a serviço da Esquadra.

No curso de 1973, os MECs incumbiram-se da criação do Curso Especial de Mergulhadores de Combate para Praças (C-ESP-MEC) e Oficiais (C-ESP-MEC/OF), desenvolvendo um programa de formação que mesclava o melhor das filosofias norte-americana (focada



Fotografia 3: Composição de primeira turma de MECs formada pelo Ciasm, em 1974. (Fonte: Acervo pessoal do Capitão de Fragata [Ref³] Theotônio Chagas Toscano de Britto)

32 Comissão criada para atender às necessidades geradas pela obtenção e construção na Europa de meios operativos e suprimentos utilizados pela MB. A partir da data de sua criação (29 de outubro de 1971), a CNBE busca adquirir, junto a fornecedores europeus, uma série de equipamentos cujas especificações sejam compatíveis com o nível de prontidão do material em questão.

33 SERRA, *op. cit.*, pp.17-18.

principalmente nos procedimentos de guerra ribeirinha) e francesa (que enfatizava as ações de mergulho) às necessidades da MB.³⁴ A elaboração de uma doutrina nacional MEC possibilitou a criação do primeiro Curso Especial de Mergulhadores de Combate (C-ESP-MEC e C-ESP-MEC/OF), ministrado pelo Ciasm em 1974, tendo o Capitão-Tenente Theotônio Chagas Toscano de Britto como oficial encarregado.³⁵

A CONQUISTA GRADATIVA DE ESPAÇO E RECONHECIMENTO

A partir da segunda metade da década de 1970, o Brasil se via às voltas com uma crescente crise econômica, resultado do aumento da dívida externa em virtude dos empréstimos realizados durante o “Milagre Econômico Brasileiro”, bem como pelo considerável aumento nos preços dos barris petróleo, resultado do embargo feito pelos países árabes aos aliados de Israel por ocasião da Guerra Árabe-Israelense. Politicamente, o governo brasileiro do então Presidente Ernesto Geisel (1974-1979) iniciava um lento e gradual processo de abertura político-ideológica,

marcado por uma série de avanços e recuos com vistas a uma democracia conservadora.³⁶

Neste período específico da história brasileira, coube à Divisão de Mergulhadores de Combate a tarefa de exercitar e aprimorar sua doutrina operacional, atuando com o objetivo de atender à crescente demanda de solicitações oriundas da Esquadra e dos Distritos Navais³⁷ (DN), mesmo limitada pelas restrições que lhe eram impostas pela grave crise econômica que comprometia o desenvolvimento nacional. Em 1975, por ocasião da Operação Veritas VIII, levada a cabo na região de Roosevelt Roads (Estação Naval da Marinha dos EUA situada na cidade de Ceiba, em Porto Rico), a Divisão de Mergulhadores de Combate teve destacado desempenho participando de exercícios militares em conjunto com os Seal da Equipe 2.³⁸

Também na segunda metade década de 1970, a comunidade MEC conquistou o direito de se qualificar como paraquedista nas escolas militares nacionais voltadas para esse fim. Após enfrentarem a resistência inicial por parte dos Fuzileiros Navais (FN), que julgavam ser desnecessária tal qualificação para quadros operacionais que



Figura 1: Instituído em 1974, o brevê dos MECs apresenta a figura de dois tubarões representando a dupla de MECs (condição mínima para a execução dos procedimentos de mergulho), que realizam suas tarefas com a voracidade característica do supremo predador dos mares (Fonte: Acervo do Grumec)

34 BRITTO, *op. cit.*, 2005, p. 36.

35 PINHEIRO, Álvaro de Souza. Apresentação. In: DUNNIGAN, James F. *Ações de Comandos: operações especiais, comandos e o futuro da arte da guerra norte-americana*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008, p. 39.

36 FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 10. ed. São Paulo: Edusp, 2002, pp. 489-490.

37 Organizações militares que têm como propósito contribuir para o cumprimento das tarefas de responsabilidade da MB, considerando suas respectivas áreas jurisdicionais, que são: 1º Distrito Naval (DN) (Rio de Janeiro-RJ), 2º DN (Salvador-BA), 3º DN (Natal-RN), 4º DN (Belém-PA), 5º DN (Rio Grande-RS), 6º DN (Ladário-MS), 7º DN (Brasília-DF), 8º DN (São Paulo-SP) e 9º DN (Manaus-AM).

38 SERRA, *op. cit.*, p. 18.

atuam essencialmente na água, os Capitães-Tenente Toscano e Prado fizeram sua requalificação como paraquedistas e, em 1977, ambos participaram do Curso de Salto Livre junto com os FN. No final dessa década, o Grumec, como toda a MB, conquistou um importante espaço junto aos cursos de aperfeiçoamento ministrados pelo Exército Brasileiro (EB), mediante a admissão do Cabo Gerson Mendes (MEC nº 40) no Curso de Básico de Paraquedismo promovido pela Brigada de Infantaria Paraquedista (BdaInfPqdt). Após uma sucessão de saltos realizados em 1979 no Campo dos Afonsos (Rio de Janeiro-RJ), o Cabo Mendes acabou se tornando o primeiro representante da Armada a frequentar um curso de paraquedismo fomentado pelo EB.³⁹

A década de 1980 sinaliza um período de intensas mudanças nos cenários políticos nacional e internacional. Sobre esse período em particular, o Brasil caminhava

efetivamente rumo ao regime de governo democrático, que ocorreria efetivamente com a eleição do Presidente Tancredo Neves⁴⁰, em 1985, por via indireta (Colégio Eleitoral).⁴¹ Sobre os conflitos ocorridos em âmbito mundial ao longo da Guerra Fria, o embate entre EUA e URSS ingressa nos anos 1980 em uma condição tal que o arsenal bélico norte-americano e o soviético praticamente se equiparavam em termos de capacidade destrutiva.⁴² A oposição entre os blocos capitalista e socialista instigou a onda de terrorismo internacional, iniciada no final da década de 1960 e início da década de 1970 com uma série de atentados (sequestro de aeronaves e ataques à bomba) orquestrados por grupos terroristas de origem palestina contra alvos israelenses

fora do Oriente Médio.⁴³ Nos anos 1970 e 1980, o terrorismo se manifestou de forma variável e significativa em diferentes formas de enfrentamento, a se destacar as ações separatistas da Organização



Figura 2: Criado em 1974, o emblema não oficial alusivo à atividade MEC contribuiu para solidificar os laços de identidade e união estabelecidos entre os membros da Divisão de Mergulhadores de Combate. (Fonte: Acervo do Grumec)

39 BRITTO, *op. cit.*, 2005, pp. 36-37.

40 Tancredo Neves faleceu antes de sua posse, tendo o vice-presidente eleito José Sarney (1985-1990) herdado o posto de chefe de Governo.

41 PILAGALLO, Oscar. *A História do Brasil no Século 20 (1980-2000)*. 2. ed. Folha Explica, São Paulo: Publi-folha, 2009, pp. 28-29.

42 TAVARES, Heloísa Feres de Faria (Ed.) "Equilíbrio do terror". *Guerra na Paz*, v. 5. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1984, p. 1161.

43 VISACRO, Alessandro. *Guerra Irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo: Editora Contexto, 2009, p. 280.

pela Libertação da Palestina (OLP⁴⁴), do Exército Republicano Irlandês (IRA⁴⁵), e da Organização Pátria Basca e Liberdade (ETA⁴⁶).

Os efeitos da conjuntura mundial da década de 1980 sobre a Divisão de Mergulhadores de Combate da MB representaram o desafio de desenvolver uma doutrina que fosse adequada para enfrentar as ações terroristas, que, eventualmente, poderiam colocar a soberania dos Estados em situação de risco. Em resposta a essa nova categoria de ameaça, os MECs brasileiros foram encarregados de instituir procedimentos contra ações de elementos adversos em ambiente marítimo, contribuindo com a fiscalização e a segurança das águas jurisdicionais brasileiras, bem como apoiando a proteção de embarcações e plataformas de exploração de gás e petróleo. Foi a partir da elaboração dessa nova doutrina operacional que

Em maio de 1982, nas proximidades das Ilhas Tijucas a unidade foi precursora entre as Forças Singulares do Brasil na execução do primeiro salto diurno com pouso na água. Em 15 dias após o salto conjunto, os MECs inovariam uma vez mais introduzindo o salto noturno

surgiram os conceitos que dariam origem ao Grupo Especial de Retomada e Resgate dos Mergulhadores de Combate (Gerr/MEC), unidade especializada em operações antissequestro e contraterrorista realizadas em ambiente marítimo, e aos Destacamentos de Abordagem, que operam em apoio aos Grupos de Visita e Inspeção/Guarnição de Presa (GVI/GP⁴⁷) presentes em cada um dos navios da MB.⁴⁸

Para atender pronta e eficientemente às solicitações da Esquadra, no início da década de 1980 os MECs buscavam constantemente por inovações técnicas que melhor qualificasse sua doutrina de emprego. Estudando novos procedimentos de infiltração, a unidade realizou-os por paradas, técnica até então exclusiva do EB.

Especificamente no dia 5 de maio de 1982, nas proximidades das Ilhas Tijucas (Rio de Janeiro-RJ), a unidade foi precursora entre as Forças Singulares do Brasil

44 Organização política e paramilitar fundada na cidade de Jerusalém em 1964, considerada pela Liga Árabe (composição que agrega as nações de origem árabe que adotam a religião islâmica) como legítima representante do povo palestino. No decorrer da década de 1970, a OLP, que lutava pela independência do Mandato Britânico (comissão de administração dos territórios integrantes do Império Otomano após a Primeira Guerra Mundial), adotou a luta armada contra Israel como artifício para impor sua soberania sobre a Palestina (região do Oriente Médio localizada entre a costa oriental do Mar Mediterrâneo e as fronteiras ocidentais do Iraque e da Arábia Saudita).

45 Grupo paramilitar católico de origem irlandesa que, entre 1956 e 2005, empreendeu luta armada com o objetivo de separar a Irlanda do Norte do Reino Unido para reanexá-la à República da Irlanda.

46 Grupo separatista oriundo do País Basco – entre o nordeste da Espanha e o sudoeste da França – que, a partir de 1959, luta por sua independência em relação a esses dois países.

47 Unidade responsável por conduzir toda a verificação dos documentos de registro da embarcação abordada junto à Organização Marítima Internacional (IMO). O GVI/GP é considerado como uma unidade secundária, formada por pessoal que presta serviço regular a bordo de um navio militar. Para compor essa unidade, os componentes deixam suas atividades primárias temporariamente para assumir suas funções no GVI/GP.

48 ARENTZ, Carlos Eduardo Horta. “Combate à pirataria marítima e ao terrorismo: um novo campo de atuação para as operações especiais navais?”, *Revista do Clube Naval*. Rio de Janeiro, ano 119, n. 357, Jan/Fev/Mar, 2011b, pp. 34-35.

na execução do primeiro salto diurno com pouso na água. É interessante observar que o Para-Sar⁴⁹ prestou relevante contribuição para esse procedimento ao fornecer o equipamento utilizado para a execução do salto. Alguns dias após efetuarem esta façanha, mediante solicitação da BdaInfPqdt, os MECs promoveram o segundo salto em superfície líquida. Esse salto, por sua vez, foi executado em conjunto com militares do Exército na Lagoa de Araruama (São Pedro da Aldeia-RJ). Em um intervalo de aproximadamente 15 dias após o salto conjunto, os MECs inovariam uma vez mais introduzindo o salto noturno com pouso na água, também na Lagoa de Araruama. Em setembro do mesmo ano, como procedimento de partida para uma das Operações Unitas, quadros operacionais da Divisão de Mergulhadores de Combate executaram o primeiro salto na água objetivando encontro oceânico com uma embarcação submarina. Saltando de uma aeronave de asa fixa a aproximadamente 20 milhas (32.800 km) da costa do município fluminense de Cabo Frio, os MECs foram recolhidos pelo Submarino *Goiás* (S-15).⁵⁰

Em julho de 1983, devido às fortes chuvas que, desde o mês anterior, castigavam o estado de Santa Catarina, a Divisão de Mergulhadores de Combate foi mobilizada a fim de cooperar com as atividades de Defesa Civil organizadas pelas três esferas de governo. Na ocasião da enchente que elevou o volume de água do leito do Rio Itajaí-Açu em mais

de 15 metros, atingindo a população de 135 municípios catarinenses, a tarefa dos MECs concentrou-se, principalmente, na operação de resgate das vítimas daquele que é considerado como um dos maiores desastres naturais daquele estado, acarretando um total de 49 mortes e 198 mil desabrigados, além de provocar o completo isolamento da região do Vale do Itajaí por mais de um mês.

Sobre o gradativo reconhecimento da Divisão de Mergulhadores de Combate por outros setores da MB, devemos destacar a participação da unidade em inúmeras operações realizadas pela Armada. Sendo solicitada a atuar de forma cada vez mais contundente nas ações em que se engajava, a unidade, com a projeção alcançada, foi convertida, em 1983, no Grupo de Mergulhadores de Combate. A partir de então, os MECs, como componente subordinado do



Fotografia 4 – Em maio de 1982, a uma distância de 20 milhas (32,8 km) de Cabo Frio-RJ, os MECs conduziram o primeiro salto com pouso em superfície líquida visando ao encontro oceânico com uma embarcação submarina (Submarino *Goiás*).
(Fonte: Acervo pessoal do Capitão de Fragata [Ref⁵⁰] Theotônio Chagas Toscano de Britto)

49 Acrônimo usado em referência ao Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento (EAS) da Força Aérea Brasileira (FAB), baseado na Base Aérea de Campo Grande-MS. O termo Para-Sar é formado pela junção do termo “Para” (alusivo às tropas paraquedistas) com a sigla inglesa “SAR” (Search and Rescue [Busca e Salvamento]).
50 BRITTO, *op. cit.*, 2005, p. 37.

ComForS, passaram a participar de todas as Operações Anfíbias promovidas pela Esquadra, entre as quais destacam-se: apoio ao lançamento de torpedos e mísseis, exercícios de ataques a embarcações, operações ribeirinhas na Amazônia e no Pantanal mato-grossense e exercícios de retomada de navios e plataformas de petróleo com resgate de reféns.⁵¹

No decorrer do mês de junho de 1984, na Lagoa de Araruama, os operadores MEC inovaram uma vez mais, promovendo um salto noturno na água a partir de uma aeronave de asa rotativa.⁵²

Também nos anos 1980 foram efetuados lançamentos de MECs em imersão por “guaritada⁵³” a partir de embarcações submarinas. Sobre esse procedimento, é interessante notar que as ações de retomada e resgate de plataformas de petróleo e gás natural foram introduzidas

no portfólio da unidade na primeira metade da década de 1980, em virtude de procedimentos análogos conduzidos à noite por MECs a partir de submarinos em posição “mergulhada” na região da Plataforma de Campos-RJ.

Em meados da década de 1980, a atividade MEC brasileira incorporou mais um importante elemento à sua simbologia. Por sugestão do Capitão de Mar e Guerra (Ref⁵⁴) Paulo Bruno Lorena de Araújo,

Em 1987, os MECs introduziram um novo procedimento de infiltração ao promoverem o primeiro lançamento de Embarcação de Desembarque Pneumática (EDPN) por via aérea com pouso na água

comandante da Divisão de Mergulhadores de Combate entre 1975 e 1978, a expressão latina *fortuna audaces sequitur* (a sorte acompanha os audazes) foi adotada como lema dos MECs, de modo a traduzir o espírito da atividade no Brasil.

Em 1987, os MECs introduziram um novo procedimento de infiltração ao promoverem o primeiro lançamento de Embarcação de Desembarque Pneumática (EDPN) por via aérea com pouso na água. Levada a cabo em conjunto com o Para-Sar, a Operação Peixe Voador previa o lançamento do bote a partir

de uma aeronave Búfalo C-115 com pouso na Baía da Ilha Grande-RJ. A exfiltração, por sua vez, seria realizada por via marítima mediante encontro da EDPN com uma embarcação submarina.⁵⁴

Destacamos que as inovações doutrinárias desenvolvidas pelos MECs no decorrer de

sua história somente foram possíveis pelo amálgama de saberes empíricos somados a conhecimentos adquiridos em intercâmbios com unidades congêneres internacionais, entre as quais destacamos: Grupamento de Mergulhadores Táticos da Argentina (APBT); Comando de Mergulhadores Táticos do Chile (BT); Unidade Especial de Mergulhadores de Combate da Espanha (UEBC) e Seal dos EUA.

51 ARENTZ, Carlos Eduardo Horta. “Histórico do Grumec”. *Grumec: Mergulhadores de Combate*. Nova Friburgo, Revista comemorativa dos 40 anos, 2011a, p. 11-12.

52 BRITTO, *op. cit.*, 2005, p. 37.

53 Termo empregado em referência ao desembarque de MECs a partir da técnica de infiltração/exfiltração internacionalmente conhecida pela sigla LI/LO, realizada pelos submarinos norte-americanos classe *Guppy* (*Greater Underwater Propulsion Power*), adquiridos pela MB a partir de 1973. Essas embarcações possuíam um compartimento denominado “guarita de salvamento”, que permitia a saída operacional de quatro MECs – a “guaritada” propriamente dita.

54 BRITTO, *op. cit.*, 2011, pp. 18-19.

O Grupo de Mergulhadores de Combate, assim como toda a sociedade castrense, iniciou os anos 1990 regido por novas leis, que, desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, passaram a nortear o dever constitucional das Forças Armadas brasileiras.

O ano de 1996 tem grande representatividade na história do Grumec por consequência da criação do Curso Expedito de Desativação de Artefatos Explosivos (C-EXP-DAE⁵⁵). Ministrado nas dependências do Ciama, o curso tinha o objetivo de instruir os mergulhadores da MB a procurar, identificar, desativar e destruir artefatos explosivos convencionais e não convencionais.⁵⁶

Representando um divisor de águas na história dos MECs, o ano de 1997 marca a gênese do Grumec como Organização Militar (OM). Por meio da Portaria nº 371, emitida em 12 de dezembro pelo então ministro de Estado da Marinha, Almirante de Esquadra Mauro Cesar Rodrigues Pereira, foi criado o Grupamento de Mergulhadores de Combate.⁵⁷ Contudo, a nova OM seria ativada efeti-

vamente apenas em 10 de março de 1998, sendo estruturada em três equipes básicas de Operações Especiais (Alfa, Bravo e Charlie), além de um grupo de operações de contraterrorismo (Gerr/MEC).⁵⁸

Atendendo a orientações ministeriais emitidas em 1996, o Ciama daria início ao primeiro Curso de Aperfeiçoamento de Mergulhadores de Combate para Oficiais (Cameco). Criado a partir do Curso Especial de Mergulhadores de Combate para Oficiais (C-ESP-MEC/OF), o Cameco foi oficialmente instituído em 2 de fevereiro de 1998 e, necessariamente, teve que sofrer adaptações para se adequar às demandas que não constavam no currículo anterior, incluindo disciplinas entre as quais destacam-se: Microinformática, Princípios de Liderança e Gestão de Qualidade Total.⁵⁹



Figura 3: Elaborado em 1998, o brasão oficial do Grumec simboliza tanto as qualidades marinheiras de intrepidez e astúcia (representadas pela figura do tubarão) quanto os meios navais e aéreos nos quais os MECs estão aptos a operar. (Fonte: Acervo do Grumec)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo cobre um espaço temporal de 40 anos (1964-2000), período no qual a

55 Embora a atividade DAE tenha sido esporadicamente considerada pela MB desde 1973, em virtude do curso realizado pelo Terceiro-Sargento Alberi nos EUA, ela somente ganharia impulso efetivo no último ano da década de 1990, após engajamento de MECs na tarefa de neutralizar artefatos comprometidos em virtude da explosão ocorrida nos paióis do Centro de Munição da Marinha, localizado na Baía de Guanabara (Ilha do Boqueirão-RJ). Em 2007, o C-EXP-DAE ganha um incremento, tendo sua classificação alterada da categoria de “expedito” para “especial” (C-ESP-DAE).

56 MACHADO, *op. cit.*, p.91.

57 BRASIL. Ministério da Marinha. Portaria Ministerial nº 371, de 12 de dezembro de 1997. Criação do Grupamento de Mergulhadores de Combate. Brasília, 1997.

58 ARENTZ, *op. cit.*, 2011a, p. 12.

59 TRINTA, Sylvio César Ferreira. “Cameco: uma realidade”. *O Periscópio*. Niterói, ano XXXVI, n. 52, 1998, p. 77-78.

atividade MEC brasileira foi introduzida e conduzida de modo a conquistar uma expertise ímpar que a MB não pode se dar ao luxo de ignorar ou da qual não pode prescindir.

Adaptando-se à conjuntura nacional e internacional, que, no curso das décadas, sofreriam profundas transformações, o MEC foi ampliando seu comprometimento operacional, uma vez que a MB precisava dispor de uma tropa especializada para combater ameaças recém-introduzidas no cenário mundial (terrorismo, narcotráfico,

pirataria e guerras de insurgência, entre outros).

Atravessando períodos distintos de adversidade político-econômica que afetaram diferentes esferas da sociedade brasileira, o MEC superou a falta de consciência e engajamento social no que se refere aos assuntos pertinentes à Defesa para apresentar (diante da sua realidade) uma folha de serviço que alavancou a unidade em questão a uma posição destacada no que concerne à projeção do Poder Naval brasileiro.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<ATIVIDADES MARINHEIRAS>; Mergulho;

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Vágner Camilo. “Ilusão Desfeita: a ‘aliança especial’ Brasil-Estados Unidos e o poder naval brasileiro durante e após a Segunda Guerra Mundial”. *Revista Brasileira de Política Internacional*. Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IBRI), Brasília, v. 48, n. 1, Jan/Jun, 2005.
- ARENTZ, Carlos Eduardo Horta. “Histórico do Grumec”. *Grumec: Mergulhadores de Combate*. Nova Friburgo, Revista comemorativa dos 40 anos, p. 11-12, 2011a.
- _____. “Combate à pirataria marítima e ao terrorismo: um novo campo de atuação para as operações especiais navais?” *Revista do Clube Naval*. Rio de Janeiro, ano 119, n. 357, p. 30-37, Jan/Fev/Mar, 2011b.
- BRASIL. Ministério da Marinha. Ordem do Dia do Comando da Força de Submarinos nº 0012/1970, de 3 de abril de 1970. *Criação da Divisão de Mergulhadores de Combate*. Rio de Janeiro, 1970.
- _____. Portaria Ministerial nº 371, de 12 de dezembro de 1997. *Criação do Grupamento de Mergulhadores de Combate*. Brasília, 1997.
- BRITTO, Theotônio Chagas Toscano de. “As dificuldades iniciais e primeiros caminhos percorridos”. *Grumec: Mergulhadores de Combate*. Nova Friburgo, Revista comemorativa dos 40 anos, p. 18-19, 2011.
- _____. “O Paraquedismo e a Força de Submarinos”. *O Periscópio*. Niterói, ano XL III, n. 59, p. 36-37, 2005.
- CAMINHA, João Carlos. *História Marítima*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
- CYSNE, Rubens Penha. “A economia brasileira no Período Militar”. *Revista de Estudos Econômicos*. IPE/USP, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 185-226, Mai/Ago 1993.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 10. ed. São Paulo: Edusp, 2002.

- KIEL, David. "Grumec: guardians of the blue Amazon". *Special Operations Report*. Congers, New York, v. 10, p. 30-45, 2007.
- MACHADO, Carlos Alberto Leite. *et al.* "Escola de Operações Especiais". *Ciama – 50 Anos*. Niterói, Revista comemorativa dos 50 anos, 2013.
- PILAGALLO, Oscar. *A História do Brasil no século 20 (1980-2000)*. 2. ed. Folha Explica, São Paulo: Publifolha, 2009.
- _____. *A História do Brasil no século 20 (1960-1980)*. Folha Explica, São Paulo: Publifolha, 2004.
- PINHEIRO, Álvaro de Souza. Apresentação. In: DUNNIGAN, James F. *Ações de Comandos: operações especiais, comandos e o futuro da arte da guerra norte-americana*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército.
- ROAT, John Carl. *Class-29: the making of U.S. Navy Seals*. New York: Ballantine Books, 2000.
- SERRA, Carlos Eduardo do Amaral. "E assim tudo começou..." *Grumec: Mergulhadores de Combate*. Nova Friburgo, Revista comemorativa dos 40 anos, p. 15-18, 2011.
- TAVARES, Heloisa Feres de Faria (Ed.) "Um Panorama da Guerra desde 1945". *Guerra na Paz*. v. 1. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, p. 6-24, 1984.
- _____. "Equilíbrio do terror". *Guerra na Paz*. v. 5. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, p. 1161-1167, 1984.
- TRINTA, Sylvio César Ferreira. "Cameco: uma realidade". *O Periscópio*. Niterói, ano XXXVI, n. 52, p. 77-78, 1998.
- VISACRO, Alessandro. *Guerra Irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.